

## LELÉ: UM CANDANGO NA FAUUSP

Hugo Segawa

O falecimento de João Filgueiras Lima, Lelé, no dia 21 de maio passado em Salvador, foi noticiado nos principais jornais do Brasil, com diferentes ênfases. Nos diários paulistanos, foram matérias mais ou menos protocolares; em Brasília o *Correio Braziliense* dedicou-lhe todo um caderno especial.

Na maioria dos noticiários, a ênfase foi homenageá-lo como um dos criadores da capital do País. Título justo por antonomásia, mas talvez impreciso quando alguns o colocam ao lado de Lucio Costa e Oscar Niemeyer. Lelé seguiu para Brasília como um funcionário do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários no início da construção da capital. Penou trabalhando como um engenheiro de obra erguendo prédios nas superquadras. Em certo momento, deixou sua posição de arquiteto do IAPB e se aventurou por conta própria na construção civil. Depois de fracassar como empreiteiro, teve oportunidade de se acercar a Niemeyer e passou a desenvolver a pré-fabricação – ponto inicial de muitas notas biográficas sobre Lelé.

Prefiro situá-lo ao lado daqueles operários que padeceram ou tiveram alegrias na construção de Brasília. Lelé foi um homem do canteiro: por isso, um genuíno candango. Experiência que ele soube esplendidamente interpretar e magnificar em sua produção madura com seus projetos em argamassa armada, ao valorizar a mão-de-obra operária, dignificando o trabalhador da construção civil. Simbólico e justo que Lelé repouse no Campo da Esperança, o cemitério no Plano Piloto de Brasília que abriga uma Ala de Pioneiros, destinados aos construtores de Brasília.

Marcelo Romero e Hugo Segawa em visita a Lelé no CTRS em Salvador em 2002. Foto: arquivo Hugo Segawa



Não sei quantas vezes Lelé esteve em nossa escola. O *Intermeios* da FAUUSP <<http://www.fau.usp.br/intermeios>> registra três vídeos de suas palestras: em 2001, em 2006 e em 2011. Posso recordar um pouco das duas últimas visitas. Em 2006 convidei Lelé para ministrar um curso e um workshop na FAU, com o apoio na organização das professoras Cláudia Terezinha de Oliveira e Helena Ayoub Silva e as pós-graduandas Ana Gabriella Lima e Cristina Trigo. Foi uma semana em que toda manhã Lelé ministrava uma aula (com o auditório Ariosto Mila lotado de estudantes de nossa e de outras escolas, sentados nos corredores) e às tardes ele conversava com os alunos e participava de um workshop conduzido pela professora Helena Ayoub. Desse evento derivou a entrevista realizada pelos professores Reginaldo Ronconi e Denise Duarte, publicada na revista *Pós* nº 21, de junho de 2007. Foi também quando a professora Anália Amorim foi apresentada a Lelé, contato a partir do qual a Escola da Cidade desenvolveu uma colaboração com ele nos anos seguintes.

Em 2011, Lelé veio pela Escola da Cidade e pelo Museu da Casa Brasileira para a abertura da exposição “A Arquitetura de Lelé: Fábrica e Invenção”. Ele me ligou perguntando se não poderia dar uma palestra na FAU. Foi a última vez que ele pisou em nossa escola.

Fui um privilegiado em ter Lelé como um interlocutor frequente. Algumas vezes participando de debates ou apresentações com ele. Lelé sempre fazia uma brincadeira comigo. Uma ocasião (no século passado), conversávamos sobre o quanto nós nos dedicávamos e aprofundávamos no trabalho. E lhe comentei que somos tais quais tubarões: se param de nadar, afundam. Desde então, toda vez que nos encontrávamos ele me apresentava às pessoas como “o tubarão”: aquele que afunda se parar de nadar... E sempre me perguntava quando faríamos novamente o curso na FAU. Ele tinha especial apreço pela nossa escola: decerto a recepção que ele teve dos estudantes e professores o comoveu. Dizia-me, naquela maneira mansa de falar, que “era a melhor escola do Brasil”. Mesmo nos últimos anos, lutando contra a doença, ele insistia sobre o curso, que seguramente não poderia repetir com a mesma dedicação de 2006.

Encontramo-nos pela última vez em março de 2013, por ocasião do lançamento do livro *Arquitetura: uma experiência na área da saúde* (Romano e Guerra Editora) no Museu da Casa Brasileira. Foi quando eu fiquei comovido quando ele, indo embora, já tendo atravessado a porta do museu, retornou para se despedir de mim, e me perguntou: “quando é que você vai me convidar para dar o curso na FAU?”

---

**Hugo Segawa**

Professor titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto. Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto.  
Rua do Lago 876 - Cidade Universitária - Butantã  
05508-080 - São Paulo, SP - Brasil  
(11) 3091-4554  
segawahg@usp.br